

[Entrevista]

→ **Classificação:**

- Entrevista

→ **Assunto:**

- Sobre infância, escola e trabalho

→ **Palavras-chave:**

- Trabalho, campo, amassar pão, guardar, porcos

→ **Região:**

- **Região:** Baixo Alentejo
- **Distrito:** Beja
- **Concelho:** Beja
- **Localidade:** Beringel

→ **Contador:**

- **Nome:** Olívia Brissos
- **Data de nascimento:**
- **Residência:** Beringel

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Cristina Taquelim
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2006
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:04:10 minutos

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Filomena Sousa
- **Data de Transcrição:** Agosto 2011

→ **Montagem de vídeo e Web design:** José Barbieri

→ **Agradecimentos:** Biblioteca Municipal de Beja

[Entrevista]

[Entrevistador:] – A senhora andou na escola?

[Olívia Brissos:]: – Sim, fiz a 3ª classe. Sim, era no tempo que ninguém... a gente só ia à escola quem queria e eu, já éramos quatro filhos, a minha mãe já tinha quatro filhos. Mas ia para um Monte e começo eu a dizer que queria ir à escola. “Ó faz uma falta, até tá tudo parvo com a falta que faz a escola”.

Começo eu com o mau avô (está a ver St. Vitória? Eu sou se St. Vitória)... ah, começa o meu avô... começo eu “Avô diga à minha mãe que me deixe cá ficar” (ficava na casa do mê avô).

“Tens de cá deixar ficar a moça”, “Não fica nada” (a minha mãe estava ali perto). Diz o meu avô: “Cuspa lá aqui” – faz gesto de quem cospe na mão do avô e o avô manda cuspo para cima da mãe – “Tão, agora não deixa moça ir à escola” (era batendo na minha mãe com o custo que eu lhe tinha deitado).

[Entrevistador:] – E que idade é que a senhora tinha quando pediu isso ao seu avô?

[Olívia Brissos:]: Atão tinha 7 anos.

[Entrevistador:] – E porque é que queria ir à escola?

[Olívia Brissos:]: Atão, Não sei porquê, mas gostava de ir à escola. Tanto, tanto que quis e fui aos sete e fui aos oito e fui aos nove. Fiz a 3ª classe, nesse tempo havia exame.

[Entrevistador:] – E depois ao acabou porquê?

[Olívia Brissos:]: Depois tinha já que ir para o monte, já não fazia falta mais.

[Entrevistador:] – Trabalhar.

[Olívia Brissos:]: Sim, sim, quer dizer, com dez anos comecei a trabalhar. O primeiro emprego que tive foi guardar porcos. Foi o primeiro emprego.

[Entrevistador:] – Há histórias sobre isso....Não há? histórias sobre guardadoras e guardadoras de patos?

[Olívia Brissos:]: Há também há pessoas para isso...e atão o mê pai era moral [maioral] de porcos e os meus irmãos eram, o meu irmão era mais pequenito, só havia ainda um que era mais pequeno, ainda não dava para isso e ia eu que era para ajudar, ganhava as comedia que era para ajudar.

[Entrevistador:] – Comedias?

[Olívia Brissos:] – Comedias, nesse tempo era comedias,

[Entrevistador:] – E o que era isso?

[Olívia Brissos:] – Era receber a farinha, o azeite, os grãos, o tocinho e era queijo.

[Entrevistador:] – Era com o que se pagava.

[Olívia Brissos:] – O menos era o dinheiro. Ganhava 30 escudos por mês. 10 tostões por dia. 30 escudos por mês.

[Entrevistador:] – E trabalhava de que horas a que horas?

[Olívia Brissos:] – Atão era sempre. Atão os porcos saiam de manhã logo, e só os prendia à noite e às vezes até, se tava muito calor, ainda fazia um bocadinho de serão, porque eles à noite comiam melhor. Fazia um bocadinho de serão. Não tinha horário, era aquilo que calhava a ser. E depois fui trabalhar. Com 12 anos já ia amassar a São Matias. Amassar e tender, porque a minha mãe tinha que ir trabalhar.

[Entrevistador:] – E com preceito, porque aquilo tinha uma benzeduras, umas coisas que se diziam para o pão...

[Olívia Brissos:] – Quando acabava de amassar e levantar a faca... fazia uma cruz, pronto. Tapava o pão muito bem tapado que era para levedar. E depois era tender e fazer o recocão.

[Entrevistador:] – Recocão?

[Olívia Brissos:] – O lugar onde o pão havia de ficar. Pois haviam aí umas em Beringel que era as...(olha agora não me lembro o nome delas) que uma tendia e outra fazia o recocão. Até ficou em ditado isso. Uma estava tendendo e outra estava manhando, fazendo ali o buraquinho para pôr o pão, mas aquilo pertence à mesma pessoa – tá tendendo e chega além põe o pão, faz um jeito para levar o outro.

[Entrevistador:] – E o ditado era qual?

[Olívia Brissos:] – Uma tende e outra faz o recocão. Foi, as Feijanitas (?), eram umas já mais antigas que aí estavam, é as Feijanitas, uma tende e outra faz o recocão.

[Entrevistador:] – E trabalhou no pão até quê? Até casar?

[Olívia Brissos:] – Já depois de casada ainda amassava. Quer dizer, nesse tempo era assim: amassava-se de noite, quando a gente abalava já deixava o pão tendido. A mulher dizia: “às tantas horas amassem”. Amassava-se e o pão em tando finto tendia-se. E a gente quando íamos para o trabalho já ficava, se desse em conta até já ficávamos em casa.

Agora é um descanso, há uma máquina para lavar, há outra para secar, e há o pão já amassadinho que agente já o traz. Como é que é? É só passar a roupa à ferro, pois.

Entrevistador: Cristina Taquelim